

QUEST. XLI. — DO TEMOR EM SI MESMO.

Em seguida devemos tratar, primeiro do temor; e segundo, da audácia.

Sobre o temor há quatro questões a tratar. Primeiro, do temor em si mesmo. Segundo, do seu objeto. Terceiro, da sua causa, Quarto, do seu efeito.

Sobre a primeira questão discutem-se quatro artigos:

1. Se o temor é uma paixão da alma;
2. Se é uma paixão especial;
3. Se há algum temor natural;
4. Das espécies do temor.

ART. I — SE O TEMOR É PAIXÃO DA ALMA.

O primeiro discute-se assim. — Parece que o temor não é paixão da alma.

1. — Pois, como diz Damasceno, *o temor é uma virtude que supõe a sístole*, i. é, a contração, e é *desiderativa da essência*¹. Ora, nenhuma virtude é paixão, conforme Aristóteles o prova². Logo, o temor não é paixão.

2. Demais — Toda paixão é efeito de uma presença proveniente do agente. Ora, o temor não se refere a nada de presente, mas sim, ao futuro, como diz Damasceno³. Logo, o temor não é paixão.

3. Demais — Toda paixão da alma é um movimento do apetite sensitivo, consecutivo à apreensão do sentido. Ora, o sentido não

¹ Lib. III (cap. XXIII).

² II Ethic. (lect. V).

³ II lib. (cap. XII).

apreende o futuro, mas, sim, o presente. E o temor, referindo-se a um mal futuro, não pode ser paixão da alma.

Mas, *em contrário*, Agostinho enumera o temor entre as outras paixões da alma⁴.

SOLUÇÃO. — Entre os outros movimentos da alma, o temor é, depois da tristeza, o que principalmente implica a noção de paixão. Pois, como já dissemos (q. 22), ao conceito de paixão pertence: — primeiro, ser um movimento da virtude passiva, para o qual o seu objeto está como um motor ativo, pois, a paixão é um efeito do agente. E deste modo também consideramos paixões o sentir e o inteligir. — Segundo e mais propriamente, chama-se paixão o movimento da virtude apetitiva. — E, ainda mais propriamente, o movimento da virtude apetitiva servida por um órgão corpóreo, acompanhado de certa transmutação corpórea. — E enfim, propríssimamente, chamam-se paixões os movimentos que acarretam alguma nocividade.

Ora, é manifesto que o temor, sendo relativo ao mal, pertence à potência apetitiva que, em si mesma, respeita o bem e o mal. Pertence ao apetite sensitivo, por ser acompanhado de certa transmutação, que é a contração, como diz Damasceno⁵. E implica além disso relação com o mal, enquanto este pode de algum modo, levar-nos de vencida. Por onde, mui verdadeiramente lhe cabe a natureza de paixão; vem contudo depois da tristeza, relativa ao mal presente, porque o temor é relativo ao mal futuro, que não move como o presente.

DONDE A RESPOSTA À PRIMEIRA OBJEÇÃO. — Virtude designa um certo princípio de ação; por isto, na medida em que os movimentos interiores da potência apetitiva são princípios de atos exteriores, chamam-se virtudes. O Filósofo porém nega seja a paixão uma virtude, pois, a virtude é um hábito.

⁴ XIV De civ. Dei (cap. VII et IX).

⁵ Loc. cit.

RESPOSTA À SEGUNDA. — Assim como a paixão do corpo natural provém da presença corpórea do agente, assim a da alma, da presença animal do agente, sem presença corporal ou real; e isso se dá quando o mal, realmente futuro, se torna presente pela apreensão da alma.

RESPOSTA À TERCEIRA. — O sentido não apreende o futuro; mas, apreendendo o presente, o animal é movido, por um instinto natural, a esperar um bem futuro ou a temer um futuro mal.

ART. II — SE O TEMOR É UMA PAIXÃO ESPECIAL.

O segundo discute-se assim. — Parece que o temor não é uma paixão especial.

1. — Pois, diz Agostinho: *a quem o medo não desanima, nem a cobiça perturba, nem a agrura, i. é, a tristeza macera, nem a agita a alvoroçada e vã alegria*⁶. Por onde se vê que, removido o temor, removidas ficam todas as demais paixões. Logo, não é uma paixão especial, mas, geral.

2. Demais — O Filósofo diz, que *a busca e a aversão desempenham, no apetite, o mesmo papel que, no intelecto, a afirmação e a negação*⁷. Ora, a negação e a afirmação não são atividades especiais do intelecto, mas podem se referir a muitas coisas. Logo, o mesmo se dá com a aversão, no apetite. Ora, o temor não é senão um afastamento do mal. Logo, não é uma paixão especial.

3. Demais — Se o temor fosse uma paixão especial, teria a sua sede principalmente no irascível. Ora, ele também existe no concupiscível. Pois, como diz o Filósofo, *o temor é uma tristeza*⁸; e Damasceno afirma, que *o temor é uma virtude desiderativa*⁹. Ora, a tristeza e o desejo existem no concupiscível, como já dissemos

⁶ Lib. LXXXIII Quaestion. (quaest. XXXIII).

⁷ VI Ethic. (lect. III).

⁸ II Rhetoric. (cap. V).

⁹ Lib. III Orthod. Fid., cap. XXIII.

(q. 23, a. 4). Logo, não é uma paixão especial, desde que pertence a diversas potências.

Mas, *em contrário*, o temor entra na divisão geral das paixões, como se vê em Damasceno¹⁰.

SOLUÇÃO. — As paixões da alma se especificam pelos seus objetos. E portanto, paixão especial é a que tem um objeto especial. Ora, tanto o temor como a esperança estão nestas condições. Pois, assim como o objeto desta é o bem futuro árduo e possível de ser alcançado, assim, o daquele é o mal futuro difícil a que não podemos resistir. Logo, o temor é uma paixão especial da alma.

DONDE A RESPOSTA À PRIMEIRA OBJEÇÃO. — Todas as paixões da alma são derivadas de um mesmo princípio, que é o amor, no qual têm conexão mútua. E é em virtude desta conexão, e não por ser o temor uma paixão geral, que removido ele, removidas ficam todas as outras paixões.

RESPOSTA À SEGUNDA. — Nem toda aversão do apetite é temor, mas, a de um objeto especial, como já dissemos. E portanto, embora a aversão seja algo de geral, contudo o temor é uma paixão especial.

RESPOSTA À TERCEIRA. — O temor de nenhum modo existe no concupiscível, pois não diz respeito ao mal absolutamente considerado, mas ao que é acompanhado de uma certa dificuldade ou arduidade, de modo que quase se lhe não possa resistir. Mas como as paixões do irascível derivam das do concupiscível e nelas terminam, como já dissemos (q. 24, a. 1), ao temor se atribui o que é próprio ao concupiscível. Assim, chamamos ao temor tristeza porque o seu objeto, quando presente, contrista; e por isso, o Filósofo diz, no mesmo passo, que o temor procede da imaginação do mal futuro corruptor ou que contrista. Semelhantemente, Damasceno atribui o desejo ao temor porque, assim como a esperança é causada ou nasce do desejo do bem,

¹⁰ II libro (cap. XII).

assim, o temor é a fuga do mal, pois, tal fuga nasce do desejo do bem, como do sobredito claramente resulta (q. 24, a. 2; q. 29, a. 2; q. 36, a. 2).

ART. III — SE HÁ ALGUM TEMOR NATURAL.

O terceiro discute-se assim. — Parece que há um temor natural.

1. — Pois, diz Damasceno: *a alma tem o temor natural de ser, contra a sua vontade, separada do corpo*¹¹.

2. Demais — O temor nasce do amor, como já se disse (a. 2, ad 1). Ora, há um amor natural, segundo Dionísio¹². Logo, há também um temor natural.

3. Demais — O temor se opõe à esperança, como já se disse (q. 40, a. 4, ad 1). Ora, há uma esperança da natureza, como se vê claramente na Escritura (Rm 4, 18), onde se diz que Abraão, *contra a esperança* da natureza acreditou na *esperança* da graça. Logo, há também um temor da natureza.

Mas, *em contrário*. — O que é natural encontra-se comumente nos seres animados e nos inanimados. Ora, nestes não há temor. Logo, o temor não é natural.

SOLUÇÃO. — Chama-se natural o movimento para o qual a natureza inclina; o que de dois modos pode dar-se. — De um modo porque o todo se aperfeiçoa pela natureza, sem nenhuma operação da potência apreensiva; assim, mover-se para cima é o movimento natural ao fogo como crescer o é aos animais e às plantas. — De outro modo, natural é o movimento para o qual a natureza inclina, embora se complete só pela apreensão; pois, como já dissemos (q. 10, a. 1), o movimento das potências cognitiva e apetitiva reduzem-se à natureza como ao primeiro princípio. E deste modo também os atos mesmos da potência

¹¹ III libro (cap. XXIII).

¹² Cap. IV De div. nom. (lect. XII).

apreensiva, como o inteligir, o sentir e o lembrar-se se chamam naturais, bem como o movimento do apetite animal.

E deste modo podemos dizer que o temor é natural, e distingue-se do não-natural, pela diversidade do objeto. Pois, o temor, segundo o Filósofo, é relativo *ao mal que corrompe*¹³ e do qual a natureza foge, por causa do seu desejo natural de existir; donde vem o dizermos que esse temor é natural. E além disso, o temor é relativo *ao mal que contrista*, que não repugna à natureza, mas ao desejo do apetite; e tal temor não é natural. Pois, como já dissemos (q. 26, a. 1; q. 30, a. 3; q. 31, a. 7), a distinção entre o amor de concupiscência e o prazer se fundam no que é natural e no que não o é.

Porém, segundo a primeira acepção da palavra *natural* é mister saber-se que certas paixões da alma, como o amor, o desejo e a esperança, se chamam às vezes naturais; outras porém não podem se chamar assim. E isto porque o amor e o ódio, o desejo e a aversão implicam uma certa inclinação para buscar o bem e fugir do mal, inclinação essa que também pertence ao apetite natural. Por onde, há um certo amor natural; e podemos dizer que o desejo ou a esperança existe de certo modo também nos seres naturais privados de conhecimento. As outras paixões da alma, porém, implicam certos movimentos para os quais não basta, de nenhum modo, a inclinação natural. Ou porque essas paixões implicam o sentido ou conhecimento; e, assim, como já dissemos (q. 31, a. 1, 3; q. 35, a. 1), a apreensão sendo necessária para haver prazer e dor, não podemos dizer que os seres privados de conhecimento se deleitam ou sofrem dor. Ou porque tais movimentos são contrários à essência da inclinação natural; assim é que a desesperança foge do bem, por causa de alguma dificuldade; e o temor, seguindo nisso a inclinação natural evita atacar o mal contrário, o natural. Por onde, tais paixões não se atribuem de nenhum modo aos inanimados.

E daqui se deduzem claras AS RESPOSTAS ÀS OBJEÇÕES.

¹³ II Rhetoric. (cap. V).

ART. IV — SE DAMASCENO ASSINALA CONVENIENTEMENTE SEIS ESPÉCIES DE TERMO: A INDOLÊNCIA, O PEJO, A VERGONHA, A ADMIRAÇÃO, O ESTUPOR E A AGONIA.

O quarto discute-se assim. — Parece que Damasceno assinala inconvenientemente seis espécies de temor, a saber: a indolência, o pejo, a vergonha, a admiração, o estupor e a agonia¹⁴.

1. — Pois, como diz o Filósofo, *o temor é relativo ao mal que contrista*¹⁵. Logo, as espécies do temor devem corresponder às da tristeza. Ora, há quatro espécies de tristezas. Logo, deve haver só quatro espécies de temor, que lhes correspondam.

2. Demais — O que consiste num ato nosso depende do nosso poder. Ora, o temor é relativo ao mal que sobrepuja o nosso poder, como já dissemos (a. 2). Logo, a indolência, o pejo e a vergonha, que respeitam a nossa operação, não devem ser considerados espécies do temor.

3. Demais — O temor é relativo ao futuro, como já se disse (a. 1, 2). Ora, a vergonha é relativa a um ato torpe cometido, como diz Gregório Nisseno (Nemésio)¹⁶. Logo, a vergonha não é uma espécie de temor.

4. Demais — Só há temor do mal. Ora, a admiração e o estupor são relativos ao que é grande e insólito, seja bem, seja mal. Logo, a admiração e o estupor não são espécie do temor.

5. Demais — Pela admiração os Filósofos são levados a inquirir a verdade, como diz Aristóteles¹⁷. Ora, o temor não leva a inquirir, mas antes a fugir. Logo, não é a admiração uma espécie de temor.

¹⁴ II *Orthod. Fid.*, cap. XV.

¹⁵ II *Rhetoric.* (c. V).

¹⁶ *De nat. hom.*

¹⁷ *Metaph.* (lect. III).

Mas, *em contrário*, basta a autoridade de Damasceno e de Gregório Nisseno (Nemésio).

SOLUÇÃO. — Como já dissemos (a. 2), o temor é provocado pelo mal futuro, que nos sobrepuja o poder, de modo que lhe não podemos resistir. Ora, como o bem, também o mal do homem pode ser considerado quanto à sua operação ou quanto às coisas externas.

Quanto à sua operação o homem pode temer um duplo mal. — O primeiro é o trabalho, que causa gravame à natureza; e, daí a *indolência*, consistente em evitar a atividade por temor do trabalho sobreexcedente. — O segundo é a torpeza, que provoca a má opinião dos outros. E assim se chama *pejo* à torpeza temida na comissão do ato, e *vergonha* quando se trata do ato torpe já cometido.

Por outro lado, o mal consistente nas coisas exteriores pode exceder, de três modos, a faculdade de resistência do homem. — Primeiro, em razão da sua grandeza, como quando nos achamos em face de um mal tão grande que não lhe podemos calcular as conseqüências. E nisto consiste a *admiração*. — Segundo, em razão do seu caráter insólito, i. é, quando um mal insólito se nos oferece à consideração e, por isso mesmo, nos parece grande. E nisso consiste o *estupor*, causado por uma imaginação insólita. — Terceiro, em razão da improvisação, i. é, quando o mal não pôde ser previsto; assim tememos os infortúnios futuros. E tal temor se chama *agonia*.

DONDE A RESPOSTA À PRIMEIRA OBJEÇÃO. — As espécies de tristeza supra enumeradas (q. 35, a. 8) não são relativas à diversidade de objeto, mas, aos efeitos e a certas razões especiais. Por onde, não é necessário que tais espécies correspondam às espécies do temor ora em questão, que são consideradas relativamente à divisão própria do objeto do temor.

RESPOSTA À SEGUNDA. — A ação já realizada depende do poder de quem a praticou. Mas podemos considerar algo de relativo à ação

que, sobrepujando a faculdade de quem age, leva-o a desistir da ação. E neste sentido a indolência, o pejo e a vergonha se consideram espécies do temor.

RESPOSTA À TERCEIRA. — Do ato pretérito podemos temer o convício ou o opróbrio futuro. E deste modo a vergonha é uma espécie de temor.

RESPOSTA À QUARTA. — Nem toda admiração e nem todo estupor são espécies de temor; mas a admiração provocada por um grande mal e o estupor causado por um mal insólito. — Ou podemos dizer que, assim como a indolência evita o trabalho da ação exterior, assim a admiração e o estupor evitam a dificuldade de encarar o que é grande e insólito, quer seja bom quer mau; por onde, deste modo, a admiração e o estupor estão para o ato do intelecto, como a indolência, para o ato exterior.

RESPOSTA À QUINTA. — Quem admira evita julgar atualmente o que admira, temendo fazê-lo deficientemente; mas inquire, no futuro. Ao passo que quem é tomado de estupor tanto teme julgar atual como futuramente. Por isso, a admiração é o princípio da reflexão filosófica, da qual, ao contrário, o estupor é um impedimento.